

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Keila Andrade Haiashida

Maria Lenúcia de Moura

Introdução

Pensar a educação numa interface interdisciplinar é nos voltarmos para sua compreensão e da formação do homem de forma integral, partícipe do movimento de produção da vida humana. A partir dessa compreensão, nos dispomos a desenvolver no ensino de História e Geografia, uma prática pedagógica interdisciplinar.

À luz da legislação vigente, LDB nº 9394/96 e Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, a formação do pedagogo deve ocorrer de forma interdisciplinar. Nessa perspectiva, o Ensino de História e Geografia – disciplina do curso de Pedagogia, ministrada na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará (FECLESC/UECE¹), aborda os objetos e as categorias de análise dessas ciências, de modo a favorecer a aquisição de uma base teórico-metodológica que assegure ao professor da Educação Infantil e das séries iniciais do ensino fundamental os fundamentos necessários para a sua prática docente nas áreas de História e Geografia.

É necessário frisar, antes de prosseguirmos, que o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar com a turma requer sem dúvida, o domínio da natureza específica do conhecimento histórico e geográfico pelos discentes, para que *a posteriori* possam ser inseridos nas atividades de aprendizagem. Para tanto, uma das primeiras discussões desenvolvidas

¹ Instituição de vinculação das autoras.

na disciplina contempla os objetivos do ensino da História e da Geografia e a importância dos conhecimentos vinculados a essas áreas para compreensão da vida humana.

Então, para que mesmo estudar História e Geografia? No que se refere à História, um de seus objetivos é a contribuição na construção das identificações, a identidade nacional forjada anteriormente pela história já não é mais central. “A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser construída pela História escolar” (BITTENCOURT, 2004, p. 121) o que, na atual conjuntura enfrenta dificuldades em ser entendida em sua relação com o local e o mundial. Compreendemos que a constituição dessas identificações está intrinsecamente ligada à formação da cidadania que, em se tratando do atual panorama político, representa um problema sério a ser enfrentado por nós no cotidiano das salas de aulas, ou seja, à formação do cidadão político. Nessa árdua tarefa, de acordo com Segal devemos levar o aluno a:

Ter condições de refletir sobre tais acontecimentos, localizá-los em um tempo conjuntural e estrutural, estabelecer relações entre diversos fatos de ordem política, econômica e cultural, de maneira que fique preservado das reações primárias: a cólera impotente e confusa contra os padrões, estrangeiros e sindicatos ou o abandono fatalista da força do destino. (1984, p. 103).

Em sintonia com a História, na Geografia, a compreensão do espaço geográfico é central, perceber como diferentes tempos produziram paisagens, territórios e lugares que formam o espaço-mundo que hoje habitamos é vital. Nessa perspectiva, estudar História e Geografia cada vez mais faz parte de uma agenda necessária à própria existência humana enquanto ser social.

Embora a discussão sobre esse prisma seja envolvente, nos deteremos apenas no conceito de espaço que, de início

pode parecer diminuto diante do debate exposto, todavia é um conceito vasto que necessita do olhar atento daqueles que o pesquisam na educação. Inúmeras áreas do conhecimento têm como categoria básica o espaço, da medicina à física este conceito elucida os mais diferentes objetos, inserindo-se na discussão da emergência dos fenômenos.

Para efeito dessa comunicação, nosso objeto é a construção de perspectivas interdisciplinares no estudo do espaço. Por que nos determos no espaço? O conceito de espaço é central tanto na História quanto na Geografia. Para a Geografia, esse conceito se define como *herdeiro das desigualdades acumuladas pelo tempo* (SANTOS, 2008) criando uma relação interdisciplinar com a História,

Haja vista, apreender o espaço estaria a requerer a apreensão dos processos históricos que nos diversos tempos e lugares e por vezes, no mesmo tempo e lugar, construiu e reconstruiu determinadas paisagens e lugares. [...] Quanto mais avançamos no conhecimento de distribuição social dos espaços da superfície terrestre mais nos aproximamos dos processos históricos que os forjaram, ao mesmo tempo em que desvelamos o caráter ideológico das concepções e práticas de ensinar e aprender que tentou dissociar o espaço do tempo. (CARVALHO; MOURA, 2012, p. 47).

A relação intrínseca entre essas duas áreas do conhecimento no que se refere as suas categorias, nos asseguram extrema facilidade no trabalho interdisciplinar, motivo que nos levou a escolha do espaço enquanto foco deste trabalho. Ademais, por determos nosso foco na educação infantil e ensino fundamental – fase de construção dos fundamentos escolares – não podemos desconsiderar a importância desse conceito. Dessa forma, a aprendizagem desse conceito pelas crianças – foco de nossas intervenções na aprendizagem – deve utilizar uma metodologia adequada no seu aprofundamento.



O espaço como ferramenta de construção de uma leitura de mundo: perspectivas de entendimento do lugar onde se mora enquanto apreensão dos problemas globais

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Geografia tem por objetivo,

[...] compreender a dinâmica social e espacial, que produz, reproduz e transforma o espaço geográfico nas diversas escolas (local, regional, nacional e mundial). As relações temporais devem ser consideradas tendo em vista a historicidade do espaço, não como enumeração ou descrição de fatos que se esgotam em si mesmos, mas como processo de construção social. (BRASIL, 2008, p. 43).

A partir dessa premissa, vislumbramos um trabalho que assegure a construção do pensamento em movimento, que possibilite às crianças perceber as ações do homem, situando-as no espaço e a repercussão destas na vida social. Para tanto, a apreensão do espaço deve consolidar a visão do lugar enquanto espaço de socialização.

Nas tarefas de aprendizagem, as situações pedagógicas devem favorecer a compreensão e explicação dos processos históricos de transformação do meio natural pelas ações humanas e como essas ações transformam o meio natural ao longo do tempo. Ou seja, trata-se de compreender o papel das sociedades no processo de produção do espaço, do território, da paisagem e do lugar [...] (CARVALHO; MOURA, 2012, p. 53)

A partir deste entendimento desenvolvemos um trabalho que tem como foco o lugar e busque garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com as fronteiras da disciplina.

Sabemos que o lugar é o resultado das relações estabelecidas entre as pessoas e o ambiente em que vivem, cons-



truindo laços de afetividade e identificação, o que para os historiadores é entendido como construção social e para os geógrafos como topofilia. Nos primeiros anos escolares, a noção de lugar se estabelece através da experiência cotidiana da criança. O lugar como porção do espaço geográfico deve se efetivar através da intervenção do professor sobre os espaços ocupados pela criança em sua interação com o meio social.

Uma vez que a criança interage com o lugar e com o mundo de variadas formas como: em conversas com adultos, nos passeios, na literatura, nas mídias sociais, nas músicas, dentre outros, construímos uma proposta de trabalho que acrescente subsídios às experiências das crianças nas dimensões histórica, política, econômica, social, cultural, ética, estética e religiosa buscando a apropriação do espaço em sua totalidade. De acordo com os PCNs,

[...] a análise da paisagem deve focar as dinâmicas de suas transformações e não a descrição e o estudo de um mundo estático. A compreensão dessas dinâmicas requer movimentos constantes entre os processos sociais e os físicos e biológicos, inseridos em contextos particulares ou gerais. A preocupação básica é abranger os modos de produzir, de existir e de perceber os diferentes espaços geográficos; como os fenômenos que constituem as paisagens se relacionam com a vida que as anima. Para tanto, é preciso observar, buscar explicações para aquilo que, numa determinada paisagem, permaneceu ou foi transformado, isto é, os elementos do passado e do presente que nela convivem e podem ser compreendidos mediante a análise do processo de produção/organização do espaço. (BRASIL, 1998, p. 4).

A percepção dos modos de produzir e existir requer o conhecimento da história do lugar, dos seus acontecimentos. Nesse interim, o professor deve levar o aluno a perceber que nenhum lugar é neutro, são repletos de história e situa-



ções fisicamente delimitadas no espaço. O aluno deve entender que o espaço é o resultado da história de nossas vidas, sendo ator e autor, pois nos dá limites e cria possibilidades. (CALLAI, 2005, p. 5).

Como então estudar o lugar, espaço de vivência, numa perspectiva interdisciplinar, tendo a História e a Geografia como diretrizes? Queremos deixar claro que o trabalho interdisciplinar requer algumas iniciativas anteriores como: a identificação do conteúdo a ser abordado; uma sondagem prévia sobre o conhecimento dos alunos a respeito do tema; um levantamento sobre o que o aluno deseja aprender sobre o assunto; uma enumeração das possibilidades de linguagem a serem utilizadas e sua relação com o tema na apreensão da realidade concreta.

Desta forma, passemos as propostas:

- INTRODUÇÃO A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA NA APREENSÃO DO LUGAR ENQUANTO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA E REFLEXÃO DOS PROBLEMAS DA REALIDADE OBJETIVA.

Num trabalho interdisciplinar com a utilização da cartografia inúmeras são as possibilidades de reconhecimento do lugar. Apesar de consistir numa das maiores dificuldades na prática de ensino, a cartografia pode ser introduzida no trabalho pedagógico desde a educação infantil, desenvolvida através de atividades simples, mas que permitam uma leitura, pela criança, da paisagem e dos lugares.

Esse trabalho deve ser iniciado pela compreensão da organização e reorganização do espaço feita pelo homem em sua interação com a natureza, transformando esse espaço num espaço social. Assim, na escola aconselhamos a iniciar a aprendizagem pela região da escola, partimos desse ponto por sabermos que hoje, dentre as necessidades da vida concreta, as crianças são deslocadas de suas comunidades para

estudar um pouco distante de suas casas, essa realidade é corriqueira tanto nas capitais quanto no interior². Desta forma, partimos do espaço comum a todos os alunos.

As visitas assistidas ao entorno da escola são uma excelente estratégia para introdução da cartografia. Nessas visitas que podemos chamar também de estudo do meio, a intervenção do professor deve dar sentido à percepção dos alunos, do trabalho, das construções, das moradias, dos hábitos cotidianos da comunidade. A visita deve ser acompanhada de um relato, feito pelos estudantes, sobre os aspectos observados. Após a visita, inúmeras são as alternativas de trabalho com a cartografia, desde a montagem de maquetes do entorno da escola, acompanhada de uma conversa sobre os aspectos relativos ao trabalho e aos tipos de moradias; a escrita coletiva da história do bairro sem ignorar a história do lugar, já anteriormente abordada; desenho individual das atividades de trabalho observadas pelos alunos e a construção do perfil do trabalhador: como se veste, que ferramentas usa.

A dimensão legal pode ser contemplada também nessa introdução à cartografia; uma abordagem simples e interessante é o estudo da organização espacial dos arredores da escola, direcionando para a passagem de pedestres. Essa atividade pode ser iniciada por um debate sobre as leis que criam as passagens de pedestres, para que servem e como a população as utiliza. A construção de passagens de pedestre – na maquete feita anteriormente da vizinhança da escola – de massinha de modelar chama atenção para o espaço a ser ocupado pela mesma. Não importa se as passagens de pedestres existem de fato ou não, o trabalho pode ser feito a partir da sua importância, como ajudam a comunidade, como é o uso correto da faixa. No caso da inexistência e, se houver necessi-

2 Devido a falta da oferta de vagas, os governos municipais deslocam as crianças de um bairro a outro e, de uma comunidade a outra.



dade, pode-se iniciar uma atividade em toda a escola de regulamentação da faixa. A tarefa pode compreender a escrita de documento pelos alunos, por exemplo, um abaixo-assinado, requerendo, das autoridades, passagens de pedestre para o bairro onde está situada a escola.

A dimensão política também pode ser tratada por intermédio de uma discussão acerca das necessidades do entorno escolar, uma conversa sobre a quem compete na esfera pública garantir um espaço de lazer à comunidade. A partir de um desenho coletivo da área de lazer do bairro, as crianças podem apresentar novas possibilidades para este espaço. Nessa perspectiva, trabalharíamos não apenas a dimensão política mas também a dimensão sociocultural.

Por fim, esse trabalho pode ser estendido para o entorno da casa das crianças. O professor pode solicitar que desenhem o trajeto de casa à escola, identificando os meios de transporte utilizados por elas, destacando as semelhanças e diferenças entre o lugar onde moram e a circunvizinhança da escola, se os hábitos cotidianos são os mesmos, se as pessoas se ocupam de atividades de trabalho diferentes. Desta forma, podemos utilizar a linguagem cartográfica para compreender os fenômenos que fazem de cada espaço, um espaço diferenciado e com historicidade própria.

• O USO DA LITERATURA NUMA ABORDAGEM ESPAÇOTEMPORAL.

O uso da literatura por outras disciplinas não é novo, pela sua própria natureza interdisciplinar, constitui uma ferramenta eficaz no processo interdisciplinar.

Pensando em nossa paisagem, abordamos uma literatura que explore aspectos semelhantes aos do Ceará, mas, necessariamente para esse trabalho pode ser utilizada qualquer literatura que seja adequada para a idade das crianças. Bem como se o professor quiser introduzir clássicos como *Irace-*

ma de José de Alencar, pode fazê-lo com o devido cuidado de escolher um trecho adequado para o trabalho.

Não podemos perder de vista neste trabalho, que o espaço social é cheio de contradições, e herdeiro das desigualdades acumuladas pelo tempo: ao trabalharmos as contradições sociais, fugimos inteiramente do pensamento recorrente de que a história e a geografia são disciplinas meramente empíricas e descritivas, nas quais a concepção de espaço na geografia tradicional é tida como imutável. Nesse sentido, nos inserimos na leitura dinâmica do lugar e no aprofundamento de questões cruciais ao futuro das comunidades. Nesse sentido, concordamos com Paro quando diz,

[...] não precisa tirar um milímetro do currículo que aí está, mas, por favor, não minimizem aquilo que é a nossa própria vida, o nosso próprio exercício na condição de humano. Precisamos pensar em métodos que não sejam tão retrógrados como os que estão por aí. Se a criança só aprende se quiser, então precisamos saber o que é preciso para levá-la a querer. Para isso é preciso saber mais sobre psicologia, sobre antropologia, sobre sociologia, sobre história, sobre a pedagogia de um modo geral, sobre todas as ciências que dão subsídios à educação e nos deixam mais didaticamente preparados para lidar com a criança, ou com o ser humano em desenvolvimento. (2009, p. 19).

Desta forma, o trabalho com textos literários pode ser iniciado pela leitura do livro. Escolhemos, como já frisado acima, livros que expressem o cotidiano do nosso Estado. Dentre eles: *As garrafinhas de areia colorida*, de Daniel Adjafre que relata a história de Francisco, um pescador que, ficando longe do filho durante o longo período em que o mesmo fica internado em um hospital da capital, passa a fazer desenhos em pequenos vidros com a areia colorida do litoral. As garrafinhas fazem sucesso entre os turistas que visitam o lugar

onde moram. O livro narra uma história de amor e saudade entre as paisagens da região litorânea.

O estudo do espaço, nessa abordagem, se inicia pela busca da observação das diferenças entre a paisagem do livro e a paisagem próxima do aluno. Se o aluno vive também numa região litorânea, poderemos desenvolver a observação das semelhanças e diferenças de cada lugar. Se tem falésias, areia colorida, vegetação nativa, dentre outras. Se o aluno morar na cidade, na zona rural também iniciamos pela paisagem, construindo o conceito a partir da observação e análise do lugar.

Iniciados os trabalhos e construída a noção de paisagem e, permanecendo na abordagem das semelhanças e diferenças, poderemos utilizar mapas para identificar a localidade descrita na história e conferir os dados que o mapa daquela região apresenta. Lembramos que este trabalho pode ser feito na educação infantil, a partir do Infantil IV e pode ser usado o globo terrestre, uma vez que o mapa plano dificultaria a abordagem.

A dimensão social pode ser contemplada através de análise da incidência de turistas e, a exemplo da estratégia utilizada no estudo do espaço, abordar semelhanças e diferenças entre a cidade e o campo

Podemos aprofundar a análise da paisagem em interface com o tempo, buscando a história do lugar, e as transformações que porventura se estabeleceram no espaço de tempo entre o momento em que o livro foi escrito e o momento atual. Podemos explorar o conceito de mudança social, numa perspectiva histórica que está muito atrelada ao de espaço. Desse modo, torna-se possível investigar as transformações ocorridas no litoral e as mudanças que possam ser vislumbradas no cotidiano da comunidade que ali vive. Para aprofundar as contradições, é possível estudar as moradias, suas

formas, seus tamanhos, sua funcionalidade, tornando mais evidentes as contradições sociais do lugar e as estendendo à moradia dos alunos.

Na dimensão estética há a alternativa de abordar as garrafinhas de areia colorida. O que estas representam para o artesão que a produz? E para o turista? Que tipo de desenhos ilustram as garrafas? Por que as moradias simples são valorizadas nos trabalhos? Aqui, pode ser contemplada também a dimensão cultural. A observação dos alunos pode ser direcionada para o que é social e culturalmente válido. E como essa expressão cultural é valorizada. Bem como historicizar esse artesanato e a sua contribuição na construção de um referencial de Brasil, fora de nossas fronteiras. No ensino fundamental podemos trabalhar também o conceito de território, explorando a sua dupla conotação, real e simbólica, expressa nas garrafas.

Como afirmam Carvalho e Moura (2012),

[...] nos primeiros anos do ensino fundamental é essencial o processo de construção de conceitos que serão utilizados na disciplina durante toda a sua formação escolar, [...]. Nesse nível de escolarização, a criança já deve dominar determinadas relações espaciais como distância, limite, ponto de referência, dentre outras que permita a introdução de conteúdos que abordam o particular e o geral, o próximo e o distante, este lugar e aquele lugar (o aqui e o acolá). [...] Assim, as situações pedagógicas requerem do professor e da professora estratégias de ensino-aprendizagem que possibilitem ao aluno a articulação necessária entre os conceitos, os conteúdos e a realidade na qual se insere o aluno, valorizando a identificação do que permanece, do que foi alterado nas paisagens dos lugares e os processos que na atualidade redefinem a paisagem do local, como lugar do mundo. (p. 46 e 47).

Outro livro escolhido por nós foi *Os pequenos jangadeiros* de Aristides Fraga Lima, que narra a história de Mário



e seus primos Otávio e Marco Antônio, que resolvem navegar pelo rio São Francisco nas férias, levados pelo Velho Quinquim, um experiente pescador. O trajeto decidido por eles fica entre as cidades de Juazeiro e Curaçá, na Bahia. Durante a jornada, os jovens conhecem as maravilhas e a força do rio e seu entorno, que tornam a viagem uma perigosa aventura.

O trabalho interdisciplinar a partir do livro citado pode se iniciar também pelo trabalho com mapas. Ao traçar o trajeto do Rio São Francisco na história, podemos acompanhá-lo com o mapa plano, não perdendo a oportunidade de explicar e explorar o mapa físico, suas características e utilidade. Para analisar a dimensão histórica, podemos criar um mapa histórico representando as transformações pelas quais passou o rio nos últimos anos e pesquisar as mudanças de vida, de trabalho, de trajeto que ocorreram de acordo com as transformações pelas quais passou o leito do rio. O percurso histórico do próprio livro tem três décadas, podemos investigar, a partir desse marco histórico as transformações do rio, já que o livro foi escrito em 1984.

Ao enfatizar o trabalho e o rio como fonte de recursos, podemos adentrar no conceito de mudança social, explicitando as transformações do rio que afetaram a organização social daqueles que dependiam do mesmo, modificando, desta forma o curso da história. Lembramos que anteriormente a essa atividade, faz-se necessário explorar a história do Rio São Francisco.

Na dimensão legal há a possibilidade de explorar a legislação que assegura ao jangadeiro a aposentadoria. Se esta é diferente do trabalhador assalariado. Quais as ferramentas que este trabalhador utiliza; como a mercadoria, o peixe, chega até a nossa mesa e como o trabalho do jangadeiro é explorado pelos atravessadores. A dimensão econômica pode ser compreendida a partir do preço que o peixe é vendido pelo

jangadeiro e o preço que o mesmo peixe é vendido ao consumidor. A dimensão cultural pode ser explorada pelo trecho da história em que os viajantes enfrentam um redemoinho de água e como seu Quinquin, o jangadeiro, domina a natureza trazendo a tranquilidade ao barco.

Considerações finais

O desenvolvimento desta proposta partiu do pressuposto que o trabalho interdisciplinar requer integração de conteúdos, passar de uma concepção fragmentária para uma concepção unitária do conhecimento. Desta forma, a ação pedagógica, através da interdisciplinaridade, aponta para a construção de uma escola participativa e que contribua para a formação do sujeito social, centrada em vivências que intercambiem a realidade global às experiências do sujeito provendo-o de meios para, na condição de sujeito autônomo, possa intervir na realidade objetiva.

Assim, esperamos suscitar reflexões teóricas e práticas sobre as categorias fundamentais da história e geografia, ou seja, seus conceitos estruturantes, mas principalmente pensar alternativas didático-pedagógicas para iluminar nossa prática de ensino nos primeiros anos de escolarização de forma interdisciplinar.

Lembramos, porém, que não basta compreendermos as vertentes teóricas de cada área de conhecimento se não conseguirmos realizar uma síntese eficiente e que permita elaborar novos conhecimentos. Nesse sentido, é que provocamos os interessados pela temática a refletirem sobre novas práticas de ensinar e apreender a dinâmica social através de uma perspectiva espaçotemporal.



Referências

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. Propostas curriculares de História: continuidades e transformações. In: BARRETO, Elba Siqueira de Sá. (Org.). *Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

_____. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais: História (ensino fundamental – 1ª a 4ª séries)*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *História e Geografia, ciência humanas e suas tecnologias: livro do professor (ensino fundamental e médio)*. Brasília: MEC/Inep, 2002.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Caderno CEDES*, v. 25, n. 66, Campinas, may/aug., 2005.

CARVALHO, Lêda Vasconcelos; MOURA, Maria Lenúcia. *Geografia para o ensino fundamental*. Universidade Aberta do Brasil. (Secretaria de apoio às tecnologias educacionais. SATE/UECE). 2012.

GASPARIN, J.L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

RIBEIRO, Luiz Távora Furtado. *Ensino de História e Geografia*. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

ROCHA, Ubiratan. *História, currículo e cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2002.

SEGAL, André. Pour une didactique de la duree. In: MONIOT, Henri (Org.). *Enseigneur e L'histoire – des manuels a la mémoire*. Berne: Peter Long. Editions, 1984. (texto mimeo).

